

SOLIDARIEDADE ALARGADA PARA MANIFESTAÇÃO

FACULDADE DE LETRAS DE LISBOA
CONTINUA PARALISADA POR GREVE

Os estudantes da Faculdade de Letras de Lisboa cumpriam ao princípio de manhã de hoje, a 100 por cento, o segundo dia de greve contra a imposição pelo ministro do «numerus clausus» na via profissionalizante e pela criação de novas especializações que lhes permitam mais saídas profissionais. «Não está nenhuma aula a funcionar», disse-nos uma fonte daquele estabelecimento de ensino.

Por outro lado, os elementos da comissão coordenadora dos estudantes de Letras continuam a diligenciar apelos à manifestação de protesto contra a política do Governo, marcada para a próxima sexta-feira, pelas 14,30 horas, junto ao Ministério da Educação.

Com a mesma objectiva, uma delegação de estudantes e da Federação Nacional dos Professores (Fenprof) tiveram esta manhã um encontro na sede do organismo sindical.

Os estudantes de Letras, num total superior a 14.500, pretendem por outro lado que os do ensino secundário da capital, cursos de formação de professores, Institutos Superiores de Engenharia, Belas-Artes, Faculdade de Ciências Humanas e outros, se associem a esta jornada de luta cujos objectivos consideram de interesse comum a todos.

As Faculdades de Letras de Coimbra e Porto não entram esta semana em qualquer processo grevista por se encontrarem em período de frequências, mas consideram-se inteiramente

solidárias com os seus colegas de Lisboa.

Manuel Brandão, da comissão coordenadora sublinhou entretanto que a efectivação de 15 mil professores provisórios determinada pelo ministro não resolve os problemas da qualidade do ensino nem as questões do mercado de emprego.

Diálogo em Coimbra

Entretanto, ontem, em Coimbra, a comissão paritária de professores e alunos da Faculdade de Letras analisou várias propostas de criação de cursos profissionalizantes.

Neste âmbito, segundo informação da prof.ª Maria Helena Rocha Pereira, presidente do Conselho Científico da Faculdade, vai ser lançado um inquérito aos alunos do 4.º ano das Faculdades de Letras e da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas de Lisboa.

Na reunião foi deliberado solicitar

uma «audiência premente» ao director-geral do Ensino Superior para o informar sobre os trabalhos da comissão e exigir o levantamento das saídas profissionais dos licenciados em Letras.

No entanto, Manuel Loff, da comissão coordenadora dos estudantes de Letras, disse que «as decisões tomadas pela comissão paritária não têm nada a ver com as medidas de luta tomadas pelos estudantes».

«Há interlocutores diferenciados para as nossas pretensões e, até agora, não há garantias de que o trabalho da comissão paritária venha a ser reconhecido pelo Ministério», sublinhou.

«Concedemos tréguas aos órgãos de gestão das faculdades porque manifestaram abertura para dialogar e trabalhar connosco, mas não o fazemos com quem não nos ouve», disse Manuel Loff.

Salientou que o trabalho da comissão paritária ainda está muito bloqueado devido à falta de dados, pelo que «é prematuro chegar a alguma conclusão».

Os membros da comissão paritária decidiram, por outro lado, realizar reuniões semanais, o que é considerado por alunos e professores «uma boa plataforma de trabalho».

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Conflito - estudantes